

## SOROPREVALÊNCIA DE HEPATITE A EM PRIMATAS NEOTROPICAIS

Ariela Priscila Setzer<sup>1</sup>; Alcides Pissinatti<sup>2</sup>; Ana Maria Coimbra Gaspar<sup>3</sup>; Marly Sidoni<sup>3</sup>; José Luiz Catão-Dias<sup>1,4</sup>. <sup>1</sup>Laboratório de Patologia Comparada de Animais Silvestre - Departamento de Patologia da FMVZ-USP, Av Orlando Marques de Paiva 87, São Paulo-SP, arisetzer@yahoo.com; <sup>2</sup>Centro de Primatologia do Rio de Janeiro; <sup>3</sup>Laboratório de Hepatites Virais - Departamento de Virologia da FIOCRUZ; <sup>4</sup>Fundação Parque Zoológico de São Paulo.

A hepatite A é uma zoonose causada pelo vírus da Hepatite A (HAV), um picornavírus que tem como hospedeiros naturais os primatas humanos e não humanos. Existe apenas um sorotipo, porém várias cepas, divididas em 7 génotipos. A variação antigênica entre as cepas é praticamente inexistente; por isso pode-se utilizar os testes diagnósticos empregados para humanos em primatas não humanos. A infecção pelo vírus da hepatite A se dá pela via fecal-oral, ou seja, o animal ingere o vírus por meio de alimento ou objetos contaminado e, após replicação do vírus no fígado, ele é eliminado nas fezes. A manifestação clínica da doença em primatas é geralmente assintomática; mas quando presente, é inespecífica e varia de quadros brandos até a morte do animal. O diagnóstico é feito por métodos sorológicos, através da detecção de anticorpos específicos anti-HAV, ou através da detecção de antígeno viral nas fezes ou soro durante a fase aguda da doença. A presença de IgM anti-HAV indica infecção aguda ou recente, ao contrário dos anticorpos do grupo IgG, que são encontrados a partir da fase de convalescença e permanecem presentes por vários anos. O objetivo deste trabalho foi de pesquisar a soroprevalência de anticorpos anti-HAV em primatas neotropicais, e também a presença de antígeno viral nas fezes daqueles animais que estivessem apresentando infecção aguda. Para tanto foram testadas 421 amostras de soro de primatas neotropicais de 32 espécies, além de animais de 4 grupos de diferentes híbridos. Dentre os animais estudados, 13,5% (57/421) eram de vida livre, 29,7% (125/421) eram provenientes do Centro de Primatologia do Rio de Janeiro, 4% (17/421) de criadores, 3,8% (16/421) do Departamento de Parques e Áreas Verdes do Município de São Paulo (DEPAVE) e 48,9% (206/421) de zoológicos do Estado de São Paulo. As amostras foram testadas para IgM e anti-HAV total com teste imunoenzimático. Todas as amostras foram negativas para IgM, ou seja, nenhum animal testado apresentava infecção aguda, portanto a pesquisa para o antígeno viral não pode ser realizada. Em relação ao anti-HAV total, todos os animais de vida livre foram negativos, assim como os animais mantidos no DEPAVE. As porcentagens de animais positivos do CPRJ e de zoológicos/criadores foram respectivamente 4% (5/125) e 7,6% (17/223), demonstrando que uma parcela da população de primatas em cativeiro já esteve em contato com este vírus. Comparando-se com os dados disponíveis na literatura, a prevalência de anticorpos anti-HAV encontrada neste trabalho ficou abaixo do esperado. Existem algumas suposições para este fato, mas um ponto importante observado foi que quanto maior o contato dos animais com humanos, maior a porcentagem de positivos encontrada. Estes resultados nos levam a supor que a hepatite A não é uma doença de risco para a população de primatas neotropicais, tanto de cativeiro como de vida livre. Este trabalho relata pela primeira vez a ocorrência de hepatite A em animais do gênero *Leontopithecus*.

Apoio: FAPESP, IBAMA, FEEMA, FAPERJ, FIOCRUZ

Agradecimentos: Catia de Juste de Paula, Rodrigo Teixeira, Marta Brito Guimarães, Adriana Jopert, José Daniel Luzes Fedullo, Sandra Helena Correa, Leonardo Richtzenhain e às instituições, laboratórios e seus técnicos